

## **INTERVENÇÃO DE ARMANDO FERREIRA NO DIA 30 DE AGOSTO DE 2013, DATA DA INAUGURAÇÃO DO CONJUNTO ESCULTÓRICO DE HOMENAGEM AO POVO DE ALPIARÇA**

Sr. Presidente do Município de Alpiarça Dr. Mário Pereira, Srs. Vereadores, Sr. Secretário de Estado da Administração Local Dr. António Leitão Amaro, Srs. Convidados, Srs. Alpiarcenses.

Quase quinze anos depois desta escultura estar pronta para ser colocada a público, quero manifestar aqui publicamente, que nada acontece por acaso.

Este novo espaço, a praça dos paços do concelho, foi projetada à medida para receber esta representação em escultura de homenagem AO POVO DE ALPIARÇA.

Nada podia acontecer de melhor para receber esta obra, que identifica a história, ou seja, o passado e o presente e passa a ser obrigatoriamente o cartão de visita do nosso concelho.

Valeu a pena os quinze anos de cativo, por isso, reafirmo que nada acontece por acaso.

Quero pedir neste momento um minuto de silêncio em memória de um grande amigo e companheiro, o Vereador Mário Peixinho, que já não está entre nós e desde a primeira hora até à última manifestou sempre o grande desejo de trazer esta escultura à luz do dia. Bem-hajam.

Nesta faixa de terra física e cultural que o Tejo tem, as pessoas se habituaram durante séculos, a organizar as suas vidas.

Sol, Água e Terra conjugam-se aqui em simbiose perfeita, que faz desta região a zona mais fértil do território nacional. Tempos geológicos foram acumulando, numa interminável tarefa de milénios, o maior espaço de abundância.

Chama-se Ribatejo, a vastidão da lezíria, os campos de aluvião, ondulado por vinhedos e olivais e salpicado por povoações dispersas oriundas de vários pontos do país, aqui se fundiram: Gaibéus, Barrões, Serranos, Bimbos, Avieiros,...pessoas que precisaram de matar a fome. Uns partiam e outros iam ficando. Somos descendentes desses.

Antes das máquinas tomarem as grandes tarefas agrícolas, era a braços e pé descalço que tudo se fazia.

Era os tempos do capataz e dos ranchos contra a fome;

Era o tempo do trabalho de sol a sol;

Era o tempo de algum pão e pouco conduto;

Era o tempo da pobreza de um avio;

Era o tempo do role dos assentos de fiados;

Era o tempo da praça de jornas;

Era o tempo das mãos e pés com gretas;

Era o tempo de selar o contrato de trabalho na taverna e honrado com a molhadura.

Neste universo, como tudo na vida evolui, nesta obra em escultura faço representar esse povo que passou uma vida de sofrimento.

Semeando ternura e amizade

Adubando a terra, com sorriso e canções

Lembrando a noite que não tarda

Chegando os invernos de mágoa.

Século XX, a aurora começa a romper,  
o escuro das ideias.  
Vai surgindo um espaço em luz.  
De sol a sol, brilhando nas costas curvadas  
com jeito de aquecer  
o que já está queimado.  
Um tamanho de anos de corpo suado.  
Terra, torrões e leivas  
tanto vos tenho olhado,  
com esta enxada tão grande,  
com força de besta  
mais regos te faço  
e te dou de beber,  
no teu ventre escaldante  
os teus filhos irão nascer.

Numa pausa de trabalho,  
vou comer este bocado de pão  
que me sai deste saco ressequido,  
igual a este torrão.

E vou pensar, pensar, pensar,...

Não há forma de o amanhã ser diferente,  
Quem sabe! É preciso pensar, pensar,...

Não quero ser só a besta de trabalho.  
Um homem é um homem, e não um cão.

Descansa enxada grande  
estou cansado.  
Sai da minha cabeça boné, preciso de ar novo.  
Tenho o cabelo encharcado de suor,  
Preciso da cabeça fria.

O olhar fixo em coisa nenhuma, e o pensamento perdido  
por entre tantas coisas que queria ver realizadas.

As memórias de tristeza e desilusão,  
Trabalho duro, sendo a sua riqueza a família,  
Comendo desejos.

Com telhados de nada  
paredes de palha  
e portas abertas para os deuses.

Chegou o dia de refletir.  
As garras que o fere e que o mata,  
não é a doença nem a fome,

mas sim outros homens.

Os tais deuses, que encomendam  
conveniências de cegueira à PIDE,  
para continuarem a ser donos  
da injustiça.

Sim. Se houve um quartel da PIDE em Alpiarça,  
isto diz a todos que o homem do campo,  
não era só uma besta de trabalho,  
também foi pensador,  
e passou a haver muitos pensadores  
e reuniões clandestinas,  
sopradas por ventos noturnos  
senhas prensadas nos colarinhos das camisas  
papel mastigado e engolido por um susto  
segredos enviados por nuvens  
encontros debaixo de árvores sem sombra  
códigos nos olhares  
códigos nas vozes  
portas que se abrem à força  
gritos de mulheres, de tamancos batendo  
no seixo das ruas, iluminadas pela lua dos deuses.

Estes homens de ontem também foram,  
os capitães de Abril  
É verdade que muitos já partiram.  
E quem somos nós?  
Não somos os seus descendentes?  
Somos com certeza e moramos e trabalhamos, na mesma terra,  
Somos todos vizinhos. Todos.

Esta obra tem o sentido de fazer representar o povo do passado e presente, pois estaremos para sempre ligados à terra que faz germinar, tudo o que é necessário para a sobrevivência de todos nós. Será sempre, mas sempre uma terra agrícola.

Para os Alpiarçolhos, Alpiarçeiros e Alpiarcenses, o trabalho duro e árduo, não era obstáculo para deixar de pensar, por isso, houve...

tantas prisões, tantos clandestinos,  
tanto cansaço.  
não tenho outro jeito  
vou pensar, pensar, ...  
talvez, amanhã me saia esta dor no peito  
quem sabe, talvez eu consiga  
alargar, o aço da enxada que herdei.

Obrigado.

Armando Ferreira